

Revista **FONTES DOCUMENTAIS**

AS DIVERSAS FACES DA MEMÓRIA SOB A ÓTICA DOS PENSADORES

THE VARIOUS FACES OF MEMORY FROM THE PERSPECTIVE OF THINKERS

DOI: 10.9771/rfd.v8i0.66260

Claudia de Souza Estrela

Arquivologista da Prefeitura Municipal de Camaçari - Ba. Mestranda em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Graduação em Arquivologia pela UFBA. Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-6971-8129> E-mail: claudiaestrela1965@gmail.com

Érica Maria da Paixão Santana

Bibliotecária do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal da Bahia (SIB-UFBA). Mestranda em Ciência da Informação pela UFBA. Graduação em Biblioteconomia e Documentação pela UFBA. E-mail: ericamps@ufba.br

Luciana Dias Silva

Mestranda em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Graduação em Arquivologia pela UFBA. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6279-2272> Email: lucianadias.ufba@gmail.com

RESUMO

Este artigo explora as diferentes concepções sobre a memória a partir da perspectiva de diversos pensadores. Inicialmente, realiza uma breve análise vocabular, considerando os dois campos semânticos derivados de *mneme* e de memória na língua francesa. No que se refere aos pensadores, o estudo apresenta uma reflexão concisa sobre suas contribuições. A perspectiva aristotélica é abordada a partir da ideia de que a memória é uma faculdade da alma, responsável por armazenar as impressões de experiências passadas. Nietzsche, por sua vez, destaca o papel do esquecimento como um privilégio, associando-o ao processo de digestão, o que proporciona uma nova visão sobre a relação entre o corpo e suas memórias. Bergson introduz a noção de virtualidade, suscitando uma análise profunda sobre a temporalidade. Maurice Halbwachs propõe uma reflexão sobre a interação entre a memória coletiva e a memória individual, enquanto o historiador francês Pierre Nora examina a importância dos "lugares de memória" na construção da identidade coletiva. Já Murguía, professor e pesquisador, considera a memória um espaço essencial para o diálogo entre arquivos, bibliotecas e museus. Dessa forma, este artigo contribui para o entendimento das múltiplas abordagens sobre a memória, destacando a diversidade de análises e interpretações ao longo da história do pensamento.

Palavras-chave: memória; identidade coletiva; lugares de memória; pensamento filosófico.

ABSTRACT

This article explores different conceptions of memory from the perspective of various thinkers. Initially, it conducts a brief vocabulary analysis, considering the two semantic fields derived from *mneme* and memory in the French language. Regarding the thinkers, the study presents a concise reflection on their

contributions. The Aristotelian perspective is addressed through the idea that memory is a faculty of the soul, responsible for storing impressions of past experiences. Nietzsche, in turn, highlights the role of forgetting as a privilege, associating it with the digestion process, offering a new perspective on the relationship between the body and its memories. Bergson introduces the notion of virtuality, prompting an in-depth analysis of temporality. Maurice Halbwachs reflects on the interaction between collective and individual memory, while the French historian Pierre Nora examines the importance of "places of memory" in shaping collective identity. Meanwhile, Murguía, a professor and researcher, considers memory an essential space for dialogue between archives, libraries, and museums. Thus, this article contributes to the understanding of the multiple approaches to memory, highlighting the diversity of analyses and interpretations throughout the history of thought.

Keywords: memory; collective identity; places of memory; philosophical thought.

1. INTRODUÇÃO

Como dialogar sobre as diversas faces da memória sob a ótica de pensadores e autores de épocas tão distintas? A princípio, imagina-se que não seria possível; contudo, quando se trata de memória, nota-se que, independentemente da época, o pensamento é unânime: todos destacam a importância e o valor da memória. O presente artigo objetiva demonstrar a relevância da memória para a sociedade como identidade, idealização de pertencimento e fonte de conhecimento.

Faz um recorte trazendo uma breve averiguação vocabular, considerando os dois campos semânticos derivados de *mneme* e de memória na língua francesa. No que tange aos pensadores, apresenta-se uma concisa reflexão acerca dos respectivos pontos de vista. Assim sendo, aborda-se a perspectiva aristotélica, em que a memória é entendida como uma habilidade da alma que permite reter as impressões de experiências anteriores (Pedrosa; Linhares, 2019); quanto a Nietzsche (1998), versa-se a respeito do privilégio do esquecimento, ligado ao processo de digestão, e oferece-se uma nova perspectiva sobre a relação entre o corpo e suas memórias.

Bergson (1999) traz a ideia de virtualidade e suscita uma análise significativa sobre a temporalidade. No que diz respeito à memória, Maurice Halbwachs (1990) apresenta uma reflexão sobre a memória coletiva e a memória individual. O historiador francês Pierre Nora (1993) faz uma reflexão acerca da memória coletiva e da importância dos lugares de memória, enquanto Murguía (2010), professor e pesquisador, considera que a memória é um espaço para diálogos entre arquivos, bibliotecas e museus. Destarte, o artigo apresenta um contributo importante, abordando análises distintas sobre o tema.

2. A MEMÓRIA NA FILOSOFIA: CONCEITOS E REFLEXÕES

A memória pode ser explicada como lembranças do tempo pretérito que manifestam, no presente, o *modus cogitandi* de cada indivíduo, além de representar a habilidade humana de reter informações e fatos experienciados em virtude do convívio com outras pessoas.

É oportuno ressaltar que há uma miríade de contextos nos quais se pode refletir sobre a memória, conforme destaca Smolka (2000, p.168):

A memória em questão. São muitos os modos de pensar e de falar sobre memória. Memória faculdade, função, atividade; memória local, arquivo; memória acúmulo, estocagem, armazenagem; memória ordem, organização, memória técnica, techné, arte; memória duração... memória ritmo, vestígio; memória marca, registro; memória documento, história... Memória como aprendizagem - processo, processamento; memória como narração - linguagem, texto. Memória como instituição... Invenção da memória.

Muitos pensadores se debruçaram sobre essa temática na tentativa de conceituar e explicar sua gênese. Um dos pioneiros a tratar do assunto foi o filósofo grego Aristóteles, que investigou a natureza da memória em sua obra *Parva Naturalia*.

Para Aristóteles, a memória se distingue da recordação, sendo esta última uma operação ativa da mente. Ele afirma que:

[...] Com isso explicamos o que é memória e recordação, [primeiro] que se trata de um estado que é induzido por uma imagem mental, associado na qualidade de uma representação àquilo de que constitui uma imagem; [segundo] a que parte de nós pertence, a saber, pertence à faculdade de percepção sensorial primária, isto é, aguda mediante a qual percebemos o tempo [...] (Aristóteles, 2012, p.80).

A recordação, para Aristóteles, não é simplesmente a recuperação de uma memória, mas um processo que exige um ponto de partida. O filósofo enfatiza que a memória está ligada ao tempo e à capacidade da alma de armazenar e recuperar impressões de experiências passadas.

Ainda segundo o filósofo, a rememoração é uma atividade ativa, na qual o sujeito busca trazer à tona informações previamente armazenadas. Ele acredita na reminiscência como uma operação que necessita da força das associações formadas durante a memorização. Isto é, quanto mais fortes e organizadas forem essas associações, mais facilmente a informação poderá ser recuperada.

Aristóteles discorre que a memória envolve uma imagem mental não constituída. Ele enfatiza a necessidade de compreender os objetos da memória, que não se dá pela percepção sensorial (contemplação das coisas presentes) nem pelo pensamento (conjectura ou expectativa

que nos remete ao futuro), mas sim pelo que denomina de “estado ou afecção de uma ou outra no decorrer do tempo” (Aristóteles, 2012, p. 76).

Na concepção aristotélica, a memória é compreendida como uma capacidade da alma que permite guardar impressões de experiências passadas. Aristóteles diferencia memória e percepção, acreditando que a memória não é simplesmente a recorrência de experiências, mas sim a habilidade de gravar e recuperar informações. Ele justifica que a memória está ligada ao tempo, uma vez que se associa diretamente à experiência de acontecimentos que ocorreram no passado. Ou seja, a memória pertence ao passado e implica o decorrer do tempo.

Aristóteles também retrata a memória como uma função ligada à capacidade de vincular ideias e experiências, evidenciando a importância das associações que o ser humano elabora entre diferentes memórias. Na visão de Aristóteles, a recordação de uma experiência pode ser favorecida pela lembrança de algo ocorrido em um contexto parecido ou que envolva elementos comuns.

Além disso, o autor afirma que toda memória está ligada a uma imagem (*phantasma*), relacionada à capacidade de imaginar (*phantasia*). Para ele...

[...] Está claro que temos que conceber que o que é produzido pela percepção sensorial na *psykhê* e naquela parte do corpo que é a sua sede, ou seja, a afecção cujo estado duradouro chamamos de memória, é uma espécie de imagem; de fato, o estímulo que é produzido imprime um tipo de similitude da percepção do objeto [...] (Aristóteles, 2012, p.78).

A teoria aristotélica requer, portanto, que a memória se valha de uma imagem semelhante ou de uma cópia (*eikôn*) da afecção sensorial. Dessa forma, esse *eikôn* será tanto similar quanto derivado da respectiva afecção da percepção sensorial (Pedrosa; Linhares, 2019).

Da mesma forma, em sua obra, o autor transmite ao leitor a impressão de que a memória era imprescindível para a aquisição do conhecimento intelectual e que acarretava uma correlação entre as operações dos sentidos e as percepções (Aristóteles, 2012).

Outros autores também contribuem para a compreensão de que a memória deve ser cultuada, preservada e compartilhada, não sendo uma preocupação exclusiva de Aristóteles e seus seguidores, mas algo que se perpetua através dos tempos.

Para Ana Luiza Smolka (2000), a memória pode ser explicada como lembranças do tempo pretérito que se manifestam hodiernamente no *modus cogitandi* de cada indivíduo, bem como a habilidade humana de reter informações e fatos experienciados em virtude do convívio com outras pessoas.

É oportuno ressaltar também que existe uma miríade de contextos nos quais se pode refletir sobre a memória, conforme destaca:

A memória em questão. São muitos os modos de pensar e de falar sobre memória. Memória faculdade, função, atividade; memória local, arquivo; memória acúmulo, estocagem, armazenagem; memória ordem, organização, memória técnica, techné, arte; memória duração... memória ritmo, vestígio; memória marca, registro; memória documento, história... Memória como aprendizagem - processo, processamento; memória como narração - linguagem, texto. Memória como instituição... Invenção da memória Smolka (2000, p.168).

A análise de Aristóteles sobre memória e a recordação é primordial para que se compreenda não apenas a psicologia da memória na filosofia antiga, bem como tais conceitos influenciam o pensamento posterior no que tange a cognição e a experiência humana. Sua obra retrata uma iniciativa de compreender os mecanismos que governam a capacidade humana.

3. A EXPANSÃO DO CONCEITO DE MEMÓRIA AO LONGO DOS SÉCULOS

A memória, enquanto objeto de estudo, atravessa diversas áreas do conhecimento e evolui conforme os avanços da sociedade e da ciência. O vocábulo "memória" passou por variações significativas ao longo do tempo, adquirindo novos significados e aplicações em distintos contextos. O paleontólogo Leroi-Gourhan, citado por Le Goff (1990, p. 460), denomina esse fenômeno como "memória em expansão". Dessa forma, torna-se relevante investigar o percurso histórico do termo e suas nuances, bem como sua influência nos campos da filosofia, ciência e tecnologia. Neste estudo, será realizada uma breve análise vocabular, considerando os dois campos semânticos derivados da *mneme* e da memória na língua francesa.

Durante a Idade Média, surgiu o termo *mémoire*, originado a partir dos primeiros monumentos linguísticos do século XI. No século XIII, foi acrescentada a palavra *mémorial*, inicialmente associada a registros contábeis. No século XIV, por volta de 1320, *mémoire* passou a ser empregado no gênero masculino, referindo-se a documentos administrativos. Com o advento do centralismo monárquico, a memória assume um caráter burocrático.

No século XV, o auge das artes *memoriae* e a renovação da literatura clássica resultaram no surgimento do termo *mémorable*. No século XVI, em 1552, os *mémoires* tornaram-se relatos escritos por indivíduos de destaque. Le Goff (1990, p. 461) destaca que esse período marca "o século em que a história nasce e o indivíduo se afirma".

O século XVIII testemunhou a criação de *mémorialiste* (1726) e *memorandum* (1777), este último derivado do latim e difundido pelo inglês. Já no século XIX, na primeira metade, surgiram diversas formações verbais associadas à memória, como *amnésie* (1803), incorporado pela medicina, *mnémonique* (1800), *mnémotechnie* (1836) e *mémorisation* (1847), este último elaborado por pedagogos suíços, refletindo os avanços no ensino e na pedagogia. Em 1853, surgiu *aide-mémoire*, evidenciando a crescente necessidade de registros para auxiliar a memória cotidiana.

No século XX, a expansão do conceito de memória foi ainda mais acentuada. Em 1907, cunhou-se o termo *mémoriser*, consolidando a importância da memória na era moderna. Após 1950, o avanço das ciências – como a cibernética, a linguística e o desenvolvimento da memória eletrônica – provocou uma autêntica revolução, consolidando a aplicabilidade da memória em diversas esferas.

Os diversos contextos em que a memória é mencionada, evidenciam sua expansão nas mais diferentes áreas do conhecimento, surgindo ao longo do tempo, uma miríade de reflexões concernentes ao assunto. Assim sendo, o presente trabalho, fará um breve recorte destacando algumas ideias de Pensadores que refletiram sobre a temática.

Nietzsche (1998), por exemplo, argumenta que a memória não é apenas a incapacidade de esquecer, mas sim um ato deliberado do ser humano. Para ele, a memória assemelha-se a um "poço profundo de sentimentos", onde o desejo de lembrar desempenha um papel fundamental. O filósofo questiona: “[...] como fazer no bicho homem uma memória? Como gravar algo indelével nessa inteligência voltada para o instante, meio obtusa, meio leviana, nessa encarnação do esquecimento? [...]” (Nietzsche, 1998, p. 50). Desta forma, pode-se inferir no que tange ao contexto da recordação quanto do esquecimento, as maquinações efetuadas conscientes ou inconscientes por meio de sentimentos como interesse, afetividade, desejo, inibição, e censura afetam significativamente a memória individual.

No que tange ao esquecimento, Nietzsche (1998) associa o esquecimento ao processo digestivo, referindo-se a ele como "assimilação física". Ele argumenta que esquecer é essencial para manter a ordem psíquica e emocional. Segundo o filósofo, o esquecimento permite ao indivíduo ter condição *sine qua non* para garantir a felicidade, jovialidade, esperança, orgulho, condição essencial para a felicidade e a leveza da existência.

Outro estudo relevante sobre a memória foi desenvolvido pelo filósofo francês Henri Bergson em sua obra *Matéria e memória* (1896). Bergson conceitua como central a ideia de “imagem”, como ponto de interseção entre memória e percepção. Sua investigação sobre os

déficits da memória, como a amnésia da linguagem, distingue a memória superficial, ligada ao hábito, da memória profunda e pessoal, que transcende a noção de "coisa" e se configura como um processo contínuo. Essa tese reforça os vínculos entre a memória e a dimensão espiritual da experiência humana.

Convém destacar que, o prefácio adicionado à sétima edição do livro *Matéria e Memória*, traz a seguinte citação:

Que haja solidariedade entre o estado de consciência e o cérebro é incontestável. Mas também há solidariedade entre a roupa e o prego onde ela está dependurada, pois se arrancamos o prego, a roupa cai. Dir-se-ia por isso que a forma do prego desenha a forma da roupa ou nos permite de algum modo pressenti-la? Assim, do fato de que o psicológico esteja pendurado em um estado cerebral não se deve concluir o 'paralelismo' das duas séries, psicológica e fisiológica (Bergson, 1999, p.5).

Essa translação do prego e da roupa é satisfatória, visto que comprova, por um lado, a conexão entre os dois objetos em questão e, por outro, a inflexibilidade entre ambas as instâncias, tornando inexequível a simplificação das operações. Observa-se, portanto, que Bergson (1999) estabelece uma associação correlata entre o estado de consciência e o cérebro, mas enfatiza a necessidade de distinguir as características dessas respectivas instâncias. O autor apresentou ideias inovadoras e antagônicas às concepções tradicionais, confirmando que a matéria e a memória não podem ser reduzidas uma à outra, tampouco podem ser conceituadas como "séries paralelas". Ambas as entidades se distinguem de maneira fundamental, possuindo naturezas completamente distintas.

Sob a ótica da memória, o sociólogo francês Maurice Halbwachs (1990), em sua obra póstuma *A Memória Coletiva*, explora a interseção entre a memória coletiva e as memórias individuais, ressaltando que, embora estas últimas sejam influenciadas pela primeira, mantêm características próprias: “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios (Halbwachs, 1990, p.44).

Outrossim, a obra destaca o potencial da memória coletiva de continuar e induzir o ponto de vista individual. O destaque reflete no pensamento singular disponível a sujeitos integrantes e ou ex-integrantes de um corpo social. Diante disto Halbwachs, (1990, p. 21) atesta:

[...]se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse começada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias.

Uma outra característica apontada pelo Sociólogo francês, faz alusão a memória coletiva e o espaço, onde Halbwachs, (1990, p. 120) destaca:

Não é uma simples harmonia e correspondência física entre o aspecto dos lugares e das pessoas. Mas cada objeto encontrado, e o lugar que ocupa no conjunto, lembram-nos uma maneira de ser comum a muitos homens, e quando analisamos este conjunto, fixamos nossa atenção sobre cada uma de suas partes, é como se dissecássemos um pensamento onde se confundem as relações de uma certa quantidade de grupos.

Na verdade, os formatos dos objetos que circundam o cotidiano do indivíduo são detentores de uma importante significação, pois trata-se de artefatos inertes, dotados de sentidos e sensações que refletem as preferências e os hábitos de grupos sociais num determinado período, bem como, o local ocupado.

4. A PRESERVAÇÃO E OS LUGARES DE MEMÓRIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

A memória, na concepção de Pierre Nora, em sua obra “Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares, retrata a distinção entre memória e história, salientando como a memória é um fenômeno vivo e evolutivo, enquanto a história é uma reconstrução sempre problemática e incompleta do passado. Posto isto, o referido autor, assevera:

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico [...] (Nora, 1993, p.9).

Pierre Nora (1993) apresenta o conceito de "lugares de memória" (*lieux de mémoire*), que são espaços, objetos ou cerimônias que preservam a memória viva numa sociedade. Tais lugares emergem no sinal de ausência da memória coletiva sendo imprescindível conservar o passado de maneira tangível. Assim sendo, ele menciona:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar

as celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória [...] (Nora, 1993, p.13).

Hodiernamente, segundo o autor, a memória transformou-se em um dispositivo de pesquisa e conservação, tornando-se história, pois revela de que modo o fenômeno da globalização, alicerçado pela modernidade, interfere na maneira como a sociedade lembra e esquece e como os "lugares de memória" assumem o papel de referenciais para a identidade cultural e histórica.

Dessa forma, Nora (1993, p. 8) considera que, com o fenômeno da mundialização, democratização, massificação e mediatização, o mundo inteiro passou por transformações significativas. Para ele, as sociedades-memórias, que antes asseguravam a conservação e a transmissão de valores por meio da igreja, escola, família e Estado, terminaram, assim como as ideologias-memórias, que garantiam a transição regular do passado para o futuro e orientavam o que deveria ser preservado para a construção do porvir. Além disso, o autor ressalta que a percepção histórica foi amplamente alterada com o auxílio da mídia, substituindo uma memória voltada para a herança íntima por registros efêmeros da atualidade.

Nota-se que, se as instituições de memória não existissem — sejam elas monumentos ou aquelas responsáveis pela preservação de registros nos mais variados suportes —, uma parte considerável dos fatos históricos, bem como da formação e do desenvolvimento da sociedade humana, teria se perdido, condenando a humanidade a um trabalho repetitivo e exaustivo, semelhante ao de Sísifo. Tais instituições-memória têm como objetivo preservar e disponibilizar traços e vestígios da memória social e das experiências humanas, permitindo que sejam acessados e compreendidos.

Destarte, a diversidade de contextos ancorados à memória corrobora a concepção de Leroi-Gourhan, citado por Le Goff (1990, p. 460), acerca da "memória em expansão", pois os pensadores mencionados anteriormente abordaram essa temática de acordo com seus referenciais teóricos, destacando a importância desse debate.

Quando Murguia (2010) apresenta a memória como um lugar de diálogo, ele não a restringe apenas à comunicação entre três áreas, tampouco à ideia de competição ou disputa, mas enfatiza que a memória se complementa, pois permite e contribui tanto para a memória individual quanto para a coletiva, sendo uma importante fonte de conhecimento. O autor ressalta que a memória não se reduz apenas a lembranças nem deve ser confundida com imaginação. Assim, destaca-se a necessidade de preservação e conservação, já enfatizada por

outros autores mencionados neste artigo. Por meio da memória, é possível identificar povos e culturas, remetendo ao passado e ao presente, sempre atrelados à noção de pertencimento. Tanto a identidade quanto esse sentimento de pertencimento favorecem a perpetuação e a necessidade de compartilhamento.

Atualmente, as empresas, em seus processos de contratação, fazem questão de disseminar seu histórico entre os funcionários como forma de construir uma identidade corporativa e demonstrar sua trajetória, despertando, assim, o sentimento de pertencimento. Em uma escala maior, esse processo pode ser comparado à memória de povos e países, que também buscam narrar suas origens e perspectivas futuras. Esse sentido foi ampliado pelos acontecimentos do pós-guerra.

A memória é muito mais do que uma lembrança, pois está associada aos sentidos e emoções. Pode ser individual ou coletiva e, segundo Murguía (2010), não deve ser considerada singular, uma vez que há múltiplas memórias. Toda memória integra a formação de identidades e, com o advento da modernidade, houve um gradativo desaparecimento dos canais e meios de transmissão. Para preservar esse patrimônio, tornou-se necessário criar espaços destinados à perpetuação e ao compartilhamento das memórias coletivas, como os memoriais e os chamados "lugares de memória".

A visibilização, seja por meio de documentação, objetos ou livros, cumpre um papel essencial no resgate da memória. Pessoas e profissionais que lidam com espaços de compartilhamento reconhecem a relevância desses locais para a difusão do conhecimento histórico. Para corroborar essa ideia, Murguía (2010) cita os questionamentos de Calvino: "Como guardamos? Onde guardamos? Por que guardamos? Para quem guardamos? Quem serão os próximos a vir? Aliás, existirão os próximos?"

Refletir sobre memória e sobre a maneira de promovê-la exige o levantamento dessas questões, a fim de que seu papel seja efetivamente delineado e seu acesso garantido de forma eficiente.

Assim, na obra de Nietzsche (1998), a prerrogativa do esquecimento, associada ao processo de digestão, apresenta uma possibilidade inovadora no que se refere ao corpo e seu vínculo com o passado. Essa abordagem ultrapassa a lógica do ressentimento, que caracteriza a modernidade e a cultura do descartável. No que concerne à concepção de memória proposta por Bergson no final do século XIX, observa-se sua relação com a ideia de virtualidade, que gera uma análise fundamental sobre a temporalidade.

Já Maurice Halbwachs (1990) discute a complexa tessitura da memória coletiva e sua relação intrínseca com o tempo, o espaço e as memórias individuais. Pierre Nora (1993), por sua vez, analisa a maneira como a memória coletiva é moldada e preservada, confrontando-a com a prática histórica. Ele sugere uma reflexão sobre a importância dos lugares de memória como elementos fundamentais para a conservação da memória coletiva, a formação da identidade e a construção da narrativa histórica.

Dessa forma, os diversos contributos dos pensadores mencionados anteriormente corroboram, hodiernamente, as pesquisas de Murguia (2010).

5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente investigação de abordagem qualitativa, se fundamentará numa pesquisa bibliográfica, através da leitura dos respectivos materiais objetivando a descoberta de contributos teóricos a fim de embasar a pesquisa. Assim sendo, Lakatos e Marconi asseveram:

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, materiais cartográficos, etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto. (Lakatos; Marconi, 2003, p. 183).

Outrossim, diante das leituras realizadas, o percurso metodológico não poderia distanciar-se dos autores acima citados, ou seja, é imprescindível a revisão de literatura, respeitando a cronologia em que os autores divulgaram seus pensamentos voltados para o que seria, epistemologicamente, as várias faces da Memória.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo evidencia que, à luz dos autores abordados, a memória desempenha um papel essencial na preservação da cultura, na transmissão do conhecimento e na construção de novos saberes.

A perpetuação da memória, seja em âmbito institucional ou pessoal, representa um legado valioso para futuras gerações de pesquisadores, além de constituir um meio eficaz de preservação e difusão tanto da memória quanto da identidade.

Dessa forma, compreende-se que a memória é um elemento central na definição da identidade, seja individual ou coletiva. Seu crescimento significativo, especialmente a partir da segunda metade do século XX, reforça sua relevância, assim como a importância das contribuições dos pensadores aqui mencionados.

Por isso, discutir a memória torna-se uma necessidade incontestável. Conforme exposto ao longo deste artigo, desde Aristóteles até os dias atuais, o tema se mostra vasto e multifacetado. Assim, esta reflexão não se encerra aqui, sendo imprescindível a continuidade de pesquisas aprofundadas sobre suas concepções e implicações.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Parva Naturalia**. Tradução, textos adicionais e notas Edson Binni. São Paulo: Edipro, 2012.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**: Ensaio sobre a Relação do Corpo com o Espírito. Tradução Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção Tópicos).

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Laurent Léon Schaffter. 2. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1968. Edição brasileira: São Paulo: Edições Vértice, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão *et al.* Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios).

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MURGUIA, Eduardo Ismael. **Memória**: um lugar de diálogo para arquivos, bibliotecas e museus. São Carlos: Compacta Gráfica e Editora, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 9-28, dez. 1993.

PEDROSA, L. P. de A.; LINHARES, O. B. A concepção aristotélica da memória. In: **JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E MOSTRA DE INICIAÇÃO TECNOLÓGICA**, XV; IX., 2019. Artigo. [S.l.: s.n.], 2019. p. 1-20. Disponível em: <http://eventoscopq.mackenzie.br/index.php/jornada/xvjornada/paper/view/1564/1055>. Acesso em: 23 mar. 2024.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 21, n. 71, p. 166-193, jul. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/KVJmJgPbDQt56Jz3XXK9BRF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 jul. 2024.

Recebido/ Received: 13/11/2024

Aceito/ Accepted: 05/01/2025

Publicado/ Published: 03/03/2025